

A linguagem do silêncio nos excessos da contemporaneidade: uma leitura de *O inferno é aqui mesmo*, de Luiz Vilela.

José Ueslei L. Dias¹, Anderson S. Souza², Yvonélio N. Ferreira³.

1. Estudante de Letras e IC da Universidade Federal do Acre – UFAC; *uesleilima4@gmail.com

2. Estudante de Letras da Universidade Federal do Acre- UFAC.

3. Prof. Dr. Yvonélio Nery Ferreira, UFAC, Cruzeiro do Sul/AC.

Palavras Chave: *Silêncio, Narrativa, Contemporaneidade.*

Introdução

Em decorrência dos excessos advindos da contemporaneidade, o uso da palavra tornou-se, mais que nunca, fator indispensável para as relações entre os sujeitos. Porém, o silêncio, ferramenta essencial no processo de comunicação, tem sido considerado, cada vez mais, um “perigo”. Tal fato acarreta no que conhecemos por “verborragia”, ou seja, o uso desenfreado e/ou excessivo de palavras vazias, sem nenhum sentido, tendo como resultado uma comunicação falha, contrária àquela provida de sentido e eficácia. No que tange à literatura, ao observar uma obra literária em que o silêncio se faz presente nas relações entre os personagens, pode-se notar que ele adquire importância infinita ao resgatar o valor da palavra. Nota-se, também, que o receio de “adotar” o silêncio como propulsor de sentidos na comunicação provém da repulsa das sensações provocadas por ele, uma possível reflexão do ser. É pensando em tais questões que faremos o uso do tema “A linguagem do silêncio nos excessos da contemporaneidade: uma leitura de *O inferno é aqui mesmo*, de Luiz Vilela”, com o objetivo de identificar o uso do silêncio nos discursos dos personagens do romance *O inferno é aqui mesmo*, de Luiz Vilela.

Resultados e Discussão

Com fundamento em uma pesquisa bibliográfica desse romance do autor mineiro, é possível observar o silêncio nos discursos do personagem Edgar e em suas relações interpessoais. A partir dos discursos apresentados no romance, o narrador aparenta ser um indivíduo reflexivo perante a tudo e a todos que o rodeia, diferente da maioria dos outros personagens, pois se utiliza dos diálogos que tem com seus colegas para fazer uma introspecção da vida. Na linguagem de Edgar, é perceptível uma característica comum aos sujeitos contemporâneos, a concepção de futuro marcada pela insatisfação e pelo descontentamento ante a vida, causada pelo caótico mundo comunicativo em excesso, algo que o diferencia dos demais personagens, por não ter o silêncio como incômodo. Diferente daqueles que são habituados aos ruídos e superfluidade de palavras, ele reconhece, então, a necessidade de ter momentos de silêncio para refletir acerca do que vem vivenciando.

No decorrer da história, nos deparamos com vários personagens representativos dos sujeitos da contemporaneidade, adjetivados “tagarelas”, aqueles que falam muito, mas nada têm a dizer, ou seja, repletos de diálogos sem sentido. É essa característica que afasta Edgar dos demais colegas, pois silencia o narrador ao passo que o impede de estabelecer relações com eles. Porém, demos atenção a mais dois personagens que, a partir de seus discursos, nos propiciam o entendimento de como são os sujeitos no/do mundo moderno: Vanessa –

colega de trabalho com a qual Edgar vive um romance – e Tarcísio – figura que parece compartilhar das mesmas angústias que o narrador, por não se adequar à cidade de São Paulo e ao caos provocado pelo excesso de tudo. Na cidade há muitas pessoas, mas pouco envolvimento entre elas, gerando o individualismo, a solidão, e a associação ao inferno, característica da vida moderna.

Conclusões

Portanto, buscamos neste trabalho, demonstrar o quanto os excessos de linguagem impostos pela contemporaneidade influenciam significativamente na vida dos indivíduos, tornando-os sujeitos que preferem acomodar-se a esses exageros do que utilizarem-se do silêncio para obterem o sentido que lhes falta. Em *O inferno é aqui mesmo*, a verborragia dos colegas de trabalho de Edgar, o excesso de fala sem sentidos, marcados pela falta de uma pausa para a reflexão, reflete a falta de humanismo perdido em meio ao caos imposto pelo mundo moderno. Sendo assim, fica claro o quão importante o silêncio é na vida das pessoas, pois ele se estabelece enquanto preenche a linguagem, determinando sentidos.

Agradecimentos

À Universidade Federal do Acre, pelo apoio e incentivo, e ao Prof. Dr. Yvonélio Nery Ferreira, pela orientação nesse percurso.

VILELA, Luiz. *O Inferno é aqui mesmo* (romance). São Paulo: Ática, 1979; 2. Ed., São Paulo: Ática, 1983. São Paulo: Círculo do Livro, 1988.

LE BRETON, David. *Do Silêncio*. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.